

ANCESTRAIS

Anton Kieling e Elizabeth Lange

Minha mãe dizia que ele era oficial de Napoleão Bonaparte; ela, filha de uma princesa francesa.

Diziam que colocava roupa para coarar sempre à noite, dobrando as pontas para que ninguém na vizinhança visse a coroa ali impressa. Contavam que ela tinha vindo para o Brasil com uma dama de companhia. Falava vários idiomas, e também diziam que havia uma fortuna incalculável à espera dos descendentes. Inclusive, que a espada do Anton era de ouro, e assim por diante. Mário Albino Both escreve:

"Na corte francesa estourara Do século o maior escândalo, Pois o alemão, muito vândalo Com a nobreza se metera."

Já o padre Guido Both, também descendente, como Albino Both, escreve: "Em 1827, o delegado de São Leopoldo, Hillebrand, anotou, em coluna, no livro de registro dos imigrantes: chegados a 04/02/1827, em São Leopoldo, número 275 Anton Kieling; 276 Elizabeth Lange, mulher.

As especulações mais gostosas: quem eram Anton Kieling e sua mulher Elizabeth Lange? A versão, colhida junto ao Sr. Germano Kunzel, detalha: Anton era do corpo da guarda de Napoleão e participou da campanha de Rússia, em 1812. Desfeito o exército, o oficial Anton vai trabalhar na cavalaria do general, seu futuro sogro, promovido a barão por Napoleão. A moça Elizabeth, de 16 ou 17 anos, prefere perder a herança a perder o Anton."

Martin Scholles e Ana Maria Sehn

Vieram para o Brasil em 1854, quando Martin tinha 39 anos. Fundou, com outros imigrantes, São José do Herval (Morro Reuter). A casa em que morou ainda existe. É uma casa de enxaimel, estilo de construção típico daquela época nesta região de colonização alemã no Estado do Rio Grande do Sul - Brasil. Eram lavradores.

Meus avós paternos:

Johann Scholles

Maria Blume

Meus bisavós maternos: Guilherme Kieling Thereza Schardong Meus avós maternos: Karlus Kieling Margaretha Görden

ANCESTORS

Anton Kieling e Elizabeth Lange

My mother used to say that he was an officer of Napoleon Bonaparte's army and she, the daughter of a French princess. Some used to say she would lay the clothes out "to bleach" always at night and would fold the collars and cuffs of her blouses so that no one could see the embroidery of (insignia or the crown. Some used to say that she had been accompanied by a lady in waiting, that she spoke many languages, and had an incalculable fortune waiting for her descendants, etc., that Anton's sword was a golden one, and so forth. Albino Both writes:

In the French court blew up of the century its worst scandal, because the German, a vandal as he was with the nobles had mixed.

In turn, Father Guide Both, likewise of German descent, states: "In 1827 Hillebrand, commissioner of São Leopoldo, took note, in column of the book of immigrant registration: arrived at 2-4-1 827 in São Leopoldo, - 275 Anton Kieling; - 276 Elisabeth Lange, his wife.

Some juicier speculation: Who were Anton Kieling and his wife Elisabeth Lange? According to Mr. Germane Kunzel, Anton took part of Napoleon's personal guard and accompanied him to Russia in 1812. "Once the army was dismantled, officer Anton started in the general cavalry, for his future father-in-law had been promoted duke by Napoleon. Lady Elisabeth, then 16 or 17 years old, preferred giving up her inheritance to giving up Anton".

Martin Scholles e Ana Maria Sehn

They came to Brazil in 1854, when he was 39 years old. Together with other immigrants he founded the township of São José do Herval (Morro Reuter). The house in which he lived is still standing. Made of mud and wooden pillars, it is typical of that time and region, the region of German colonization in the State of Rio Grande do Sul - Brazil. They were small farmers.

My paternal grandparents:

Johann Scholles Maria Blume

My maternal grandparents:

Karlus Kieling Margaretha Görden

MINHA FAMÍLIA

Último dos 11 filhos de Anna Kieling Scholles e Carlos Scholles, nasci quando minha mãe já tinha 47 anos e vi meu pai falecer quando eu tinha apenas três.

Minha mãe teve ajuda de parteira só para ganhar a filha mais velha e o mais novo, eu. Os outros, deu à luz com a ajuda do meu pai. De dois dos filhos, ela mesma cortou o cordão umbilical. Foi tataravó, vendo a quinta geração - cinco mulheres - e morrendo aos 90 anos de idade, em 1993. Dizia que o parto era a maior dor e a maior alegria.

Lia em alemão e português e interessava-se pela história dos antepassados, dando-lhe importância. Minha mãe sofria de reumatismo. Pouco depois da morte de meu pai, foi atingida por um raio, que a livrou da doença. Isto lhe permitiu criar a mim e aos outros, mesmo que já tivesse 50 anos. Daí, talvez, venha meu medo de tempestades...Costureira, doceira, ajudou a fazer alguns partos na vila. Foi fazendo chimarrão para os clientes que vinham trazer roupas para costurar e carregando as formas em que fazia as tortas, que eu ouvia as notícias da vila.(As mulheres sentadas com as pernas abertas, mostrando as calcinhas, as tetas de fora dando de mamar; as fofocas e as festas, os bailes de bandinha aos quais eu assistia dos bastidores, as comidas típicas que mamãe preparava nas festas e o pequeno salário recebido por isto).

Mamãe sempre falava que, antes de eu nascer, havia os empregados da serraria de meu pai, os quais eram tratados como parte da família: em especial o preto João e seu misticismo e um índio, de nome Marciano, que ajudava na medicina da casa (chás, ervas, comidas, etc.). Minha mãe os considerava muito e lhes era muito grata.

MY FAMILY

Being the last of Anna Kieling Scholles and Carlos Scholles eleven children, I was born when my mother was already 47. I saw my father die when I was only 3 years old. My mother had the help of a midwife only for the birth of her first and her last child, my oldest sister and I. The other were all born only with the help of my father. She herself cut the umbilical cord of two of her children. She became a great-great-grandmother, getting to know the 5th generation - five women - and she died at the age of 90, in 1993. She used to say that a delivery was like the greatest pain and the greatest happiness.

Just after my father's death, she was hit by a thunderbolt, which somehow cured her of her arthritis and allowed her to bring up, all by herself at 50, all of her children. No wonder, I fear storms!... She worked as a seamstress, made cakes and pastries to sell, and occasionally helped as a midwife. As a little boy, preparing the Chimarrão (a local gaucho tea of indigenous origin) for the customers who brought clothes to sew, or delivering cakes my mother had made, I used to find out "all the news in town!" (The women sitting with opened legs, exposing their underwear, showing their breast as they were nursing the children; the gossip and the parties; the country-side balls with their folk-music bands which I watched from backstage, the typical food my mother used to prepare for the parties and the small pay she got in return.) I observed it all. Mom always used to say that before I was born there were employees in my dad's lumber yard and that they were all treated like a part of the family: João (John), the black man, and an Indian, who helped with his knowledge in herbal medicine (tees, herbs, food, etc.). My mother appreciated them a lot. To the black man she was grateful for his fidelity and to the Indian because of his teachings in domestic medicine.

MEU NASCIMENTO

Conta minha irmã Ana Egydia que, no dia 15 de fevereiro de 1950, meu pai a chamou e mandou que fosse pedir para a parteira (Lisbeth Lehnem) vir até nossa casa, pois "a mãe estava com uma forte dor de cabeça". A parteira morava numa vila bem pequena, perto de um riacho, num vale bastante longe (Lêva Eck). Quando minha irmã chegou, ela ordenhava uma vaca. Lembra que a Lisbeth pegou sua malinha, colocando-se a caminho de nossa casa. Era de manhã cedo e chovia. Na vinda, minha irmã ofereceu-se para carregar a malinha. Quando chegaram em casa, meu pai mandou que minha irmã fosse com as outras crianças "brincar com as crianças da vizinha". Passado algum tempo, meu pai foi chamá-las:

"Venham para casa ver quem chegou!..."

Eu tinha nascido!Ao meio-dia!

"Ué", disse minha irmã, então com 15 anos, "onde ele estava?"

"Bobinha", respondeu a parteira, "tu mesma o carregaste na malinha e ainda perguntas onde estava?!..."

MY BIRTH

My sister Anna Egydia tells me that on February 15th 1950 my father asked her to call "Lisbeth Lehnem", the midwife, to come over quickly because "Mom has a terrible headache". The midwife lived in a very small town, near a creek, in a valley faraway (Leva Eck). When my sister got there, the midwife was milking a cow. My sister remembers that after Lisbeth had washed her hands she pick up a little suitcase and started down the road. My sister offered to carry her suitcase. When they arrived, my father told my sister to go play with the children of the neighborhood. After a while, he called them:

"Come here to see who has just arrived!"

I had just been born! It was noon.

"Huh", exclaimed my sister, by then already 15 years old; "Where was he?" "You, silly, you!" said the midwife.

"You brought him yourself., in that little suitcase!"

TUDO "FLORIBUS"

A vila se enfeitava toda para a Páscoa!

Na Páscoa ganhava-se roupa nova. O vestido de domingo, usado, passava para as tardes de sábado e o novo era para ser usado, primeiro, no domingo de Páscoa e depois, no baile de Kerb, três semanas mais tarde. Flores que desabrochavam nesta época eram plantadas meses antes. Caiavam-se as casas. As gramas eram cortadas e se faziam bolachões e doces de mel em forma de coelho, de estrela, de flores, etc. À noite, com a família reunida em torno da mesa onde cabiam todos, pintava-se os bolachões. Mas, com meus quatro ou cinco anos, eu é quem queria espalhar os "confeitos". E com esse "açúcar colorido" imaginava coisas, criava formas. Foram meus primeiros desenhos! Quando as nuvens estavam coloridas, com as cores do outono, eu perguntava:

"Mãe, por que o céu está colorido?". E ela, que poderia responder explicando, aticava a minha imaginação: "É da tinta com a qual o coelhinho está pintando os ovos para a Páscoa!" À noite, na cama – depois da morte de meu pai eu dormia no quarto de minha mãe, numa caminha de vime, com colchão de palha de milho – eu perguntava:

"Mãe, das casas, qual tem a cor mais bonita?" E minha mãe indicava ser esta ou aquela, mas eu terminava dizendo gostar mais "da casa do Victor".

A casa do meu irmão Victor tinha sido caiada com verde-mar.

EVERYTHING "FLORIBUS"

The village was getting ready for Easter!

On Easter we always got new clothes. The old Sunday clothes would be worn Saturdays in the afternoon and the new ones would be worn, for the first time, on Easter Sunday, and three weeks later, on the "Kerball" (traditionally the party with ball given by church members to celebrate the anniversary of the church's inauguration).

The flowers that blossomed during this season were sewed months before. houses would be whitewashed. The lawn was mowed. And we would bake big honey cookies in the shape of bunnies, flowers, stars, etc. In the evening, around a table, big enough for the

whole family, we would sit to garnish the cookies. I always wanted to sprinkle the cookies with colored sugar. With that "colored sugar" I'd imagine things and create forms. These were my first sketches! When the clouds were bright and colorful, with the colors of the fall (autumn), I'd ask:

" Mom, why is the sky so colorful?"

And she, who could actually have answered by explaining what it was, instead triggered my imagination by saying:

" It's the bunny rabbit coloring the Easter eggs!"

Once, at bedtime - after my father passed away I went to sleep in my mom's bedroom, in a wicker bed with an old corn hay mattress -I asked:

" Mom, of all houses, which one has the nicest color?" My mom would say this one or that one, but I'd retort:

" I like Victor's house best".

My brother Victor's house had just been whitewashed with a sea-green color.

OS VITRAUX, AS CRIANÇAS SEM BOCA E AS MULHERES

As pessoas sempre perguntavam por que os contornos nas formas dos meus quadros eram pretos e as crianças sem boca. Fazia de forma intuitiva, inconscientemente, não tinha explicação, até que um dia fui homenageado em Herval, como colono que tinha se destacado. Quando entrei na igreja, me vi ajoelhado, com minha blusa e seus botões. Detestava esta roupa, pois fora de minha irmã Walesca, a que mais amei, e para mim, a peça era feminina. Estava ali, com meus quatro anos, olhando os vitraux (com seus contornos pretos), pois ficáramos muito pobres e não havia livros de arte, revistas, estampas, quadros, rádio e TV. Minha única informação plástica era os vitraux da igreja de pedra, linda, que meu pai ajudara a construir e em cujo coro sempre cantou. Quando vinha visita na casa das pessoas, principalmente nos kerb, quando os parentes de uma vila vinham visitar os de outra, as crianças tinham que calar a boca e sentar atrás do fogão à lenha, num banco em cuja ponta ficava o balde com água de poço, a caneca e a bacia para lavar o rosto! Não tinham direito a voz e voto. As mulheres sempre aparecem fortes nos meus quadros, algo criado também inconscientemente. As mulheres, pelo menos na colônia, sempre ajudavam nas tarefas da casa e sempre opinavam. Com os filhos menores, elas cuidavam da produção de alimentos para o consumo doméstico, dos animais e das tarefas de casa, enquanto o marido e os filhos maiores, do plantio e da produção daquilo que dava algum dinheiro. As decisões e as tarefas do dia eram discutidas e tomadas, geralmente, na hora do chimarrão.

THE STAINED GLASS WINDOWS, THE MOUTHLESS CHILDREN AND THE WOMEN

People used to ask why I would paint black contours around the shapes in my paintings and why my children had no mouths. I would do it intuitively, unconsciously. I had no explanation for it until the day I was paid a tribute in Herval, as an outstanding "colono" (the inhabitants of German settlements are known and called "colonos" throughout the State of Rio Grande do Sul). When I entered the little church for the ceremony, I could see myself kneeling down years ago, wearing a blouse with buttons. I hated this cloth, because it belonged to my sister Walesca, who I loved most, but it was so feminine. I was 4 then, and was looking at the stained glass windows.

At that time we had already become very poor and had no art books, no magazines, prints, paintings, Radio or TV at home and the only artistic input I could get were the stained glass windows of that little and beautiful church made of stones which my father had helped to build and in which he always sang as a member of the choir. When we had company, especially during the Kerb balls, when relatives visited one another, the children had to sit quietly behind the wood stove on the bench where we used to keep the water bucket, a mug and a basin to wash our face. We were not allowed to say a word.

The women in my paintings always appear to be strong, also something I draw unconsciously. Women, at least in the colonies, always helped in the household chores and gave their

opinions. They were in charge, with the help of the children, of producing the food for the family subsistence, the animals, and the domestic chores, while the husband and the older children were in charge of growing and producing all which brought money into the house.

The decisions were generally made, and the daily chores distributed, during chimarrão time.

AS PRIMEIRAS ESCULTURAS

O padre, o pastor e o médico eram as pessoas mais importantes da vila, juntamente com o

professor. Este era o namorado de minha irmã Egydia. Eram novos e modernos. Foram para a cidade no ônibus, que passava uma vez por semana, e me trouxeram uma gravata de presente. Para nossa casa, uma estatueta do

Padre Reus em gesso. Perguntei quanto tinham pago. "Tanto", responderam. Achei muito. "Por que pagaram isto se eu posso fazer?", desafiei. "Bobão, bem capaz que consegues fazer isto!...", rebateram. Corri para o lugar onde fazíamos lenha para o fogão e peguei uma felpa de madeira. Do banhado tirei lama preta e comecei a modelar. "Igalzinho!", admitiram. Depois de secar embaixo do pé de caqui, minha mãe "queimou" a estatueta no forno de pão.

Era minha primeira escultura!

Ainda fiz a segunda, mas já sem modelo, livre. Dizem que tinha o rosto do meu pai!... Eu devia ter 7 ou 8 anos.

THE FIRST SCULPTURES

The priest or pastor, the doctor and the teacher were the most important people in the village. My sister Egydia was the girlfriend of the teacher. They were young and modern and when they once went to town by bus - a bus that used to run once a week only - they brought me back a tie and for our house they brought a little plaster image of Father Reus. I asked them how much they had paid for it.

"Such and such", they replied.

I thought it was a lot.

"Why did you pay so much if I could have made one myself", I challenged them. "You dummy, you wouldn't be able to make one like this!" I ran to the

place where we chopped wood for the fire and took a little chip of wood.

From the swamps I got black mud and started to shape it. It looked just like it! After it dried under a caqui tree, my mother fired it in our outdoor oven. That was my first sculpture!

I still made a second one, without a model, free-style. They say it looked like my dad's face. I was 7 or 8 by then.

BOLSA DE ESTUDOS

Quando meu pai era vivo, meus irmãos estudavam até certa idade em colégios onde pagavam o estudo com trabalho. Depois, voltavam ou tinham que voltar para casa, para ajudar na roça. Eu mesmo trabalhava na roça, nas férias, para ajudar a pagar as despesas do colégio.

Um dia minha mãe me disse:

"Tu vais estudar!"

Aí, como todos os que estudavam na vila estudavam para padre, eu quis ser padre. Mas antes, o milagre! Leonel de Moura Brizola era o governador do Estado e dava bolsas de estudo para filhos de colonos. E eu fora selecionado, poderia estudar! Era 1959.

THE SCHOLARSHIP

When my dad was still alive my brothers had to work in order to pay for their primary education. Afterwards, they returned home to help in the fields. Even I worked on the land, on vacation, to help pay for my schooling.

One day mom said:

'You are going to continue in school!'

So, like everyone else in the village who studied would choose to become priests, I wanted to be a priest too. But before, a miracle happened! Leonel de Moura Brizola was the governor of the State and awarded nscholarships to the children of colonos. I was selected. I would be able to study! That was in 1959!

UMA ARARA

Fiquei três anos interno no colégio Imaculada Conceição, de Dois Irmãos (RS), depois fui para o seminário Claretiano, em Esteio (RS), e Rio Claro (SP). Quando cheguei no seminário, a maioria dos meus colegas era descendente de italianos. Falavam um dialeto italiano, eu um dialeto alemão. Mas tinha que me comunicar com o mundo. Tímido como era, recorri ao desenho. Com simples lápis de cor, fiz uma arara tão linda, que o padre, professor de desenho, nem pode acreditar. Este mesmo padre tinha o estojo de tinta aquarela mais lindo que já vira ou poderia imaginar. Depois do incidente da arara, pude usá-lo para ilustrar as crônicas, as poesias, os textos - enfim, os melhores escritos dos seminaristas, reunidos num livro anual, chamado Claretianinho. Eu e um colega, Lino Girardi, que fazia os desenhos, éramos dispensados dos serviços gerais de limpeza, para desenhar e pintar. O padre Javier Mateo Araña, recém-ordenado e vindo da Espanha, me deu do dinheiro, que a família lhe presenteara, para comprar as três primeiras telas e os primeiros tubos de tinta a óleo. Achava que eu tinha talento. No seminário havia bibliotecas, música, professores de música, instrumentos, coral, teatro, cinema, televisão, jornais murais e todas as coisas que jamais tivera à minha disposição. Que mundo maravilhoso! Quantos recursos! Que formação! Mas eu tinha a pretensão de fazer mais pela humanidade, mas como leigo! Deixei o seminário em 25 de agosto de 1968!

AN ARARA

I stayed at the boarding school "Imaculada Conceição" of Dois Irmãos, RS (Rio Grande do Sul), then went on to the Seminars in Esteio, RS and Rio Claro, SP (São Paulo).

At the Seminary, the majority of the students were of Italian descent. They spoke an Italian dialect and I spoke the German one. Somehow I had to

communicate with the world. Shy as I was, I tried to do it by drawing. With simple color pencils I drew a beautiful arara, so beautiful, that the priest, our drawing teacher, couldn't believe it. That same priest had the most beautiful case of watercolors I had ever seen or could ever have imagined! After the incident of the Arara, he lent me his watercolors to illustrate the short stories, the poetry and the texts, the best ones, written by the seminarians, which were compiled in an annual journal called "Claretianinho".

My classmate Line Girardi and I, because we made the drawings, were excused from other cleaning chores to dedicate ourselves exclusively to the painting and drawing. Father Javier Mateo Araña, who had just been ordained and arrived from Spain, gave me some of the money that his family had given him - to buy my first three canvases and the first oil paint. He thought I had talent. At the Seminary there were libraries, there was music, music instructors, a chorus, movies, television, newspapers, and lots of other things that used to be beyond my reach. What a wonderful world! How many resources! But I thought I could do more for humanity as a lay person. So I left the Seminary on August 25th, 1968.

A FACULDADE

Em 1973, eu e Marisa, mãe de minha filha Rudaia, após termos mobiliado uma casinha alugada, resolvemos ir para Campinas, São Paulo.

Nunca entendera por que fora para São Paulo!

Só muitos anos depois, entendi que minha ida para lá é que originara todo o meu trabalho sobre a habitante do Vale do Rio dos Sinos.

Lembro-me muito bem. A professora de folclore, numa de suas aulas geniais, disse: "O Rio Grande do Sul, em termos culturais, divide-se em dois estados:

a- do rio Guaíba para lá o gaúcho, pilchado, com sotaque, roupas, comidas típicas e explorado plástica e culturalmente;

b- do Guaíba para cá, os brasileiros descendentes de italianos, alemães e japoneses, com sotaque, roupas, comidas, música, moradias características e não explorados plástica e culturalmente".

Pensei comigo mesmo: "Mas eu sou isto mesmo! Nasci nesta região, tenho sotaque, adoro bandinha, gosto da comida desta região". Começava, então, o trabalho sobre o habitante do Vale do Rio dos Sinos.

COLLEGE

In 1973, Marisa - the mother of my daughter Rudaia - and I, after having furnished a little rented house, decided to go to Campinas, São Paulo. I never really understood why I went to São Paulo! Only years later I that my trip to São Paulo led to my work about the inhabitant of the Vale do Rio dos Sinos. I remember it well: My professor of Folklore, in one of her ingenious classes, stated: The State of Rio Grande do Sul, in cultural terms, is divided in two states:

a) from the Guaiba River to the West, there is the Gaucho, in his costumes, with his accent, clothing and typical food, being culturally and visually explored,

b) from the Guaiba River to East, there are the German, the Italian and the Japanese descending Brazilians, with their accent, clothing, food, music and housing completely unexplored culturally and artistically.

I thought to myself: but that is what I am! I was born and live in that region, I have the accent, I love the bandinha music (traditional folklore bands). I like the food of this region. That was how my work about the inhabitants of the Vale do Rio dos Sinos began.

TRÊS PROFESSORES

No tempo em que cursei a Faculdade de Artes, três professores marcaram mágica e definitivamente meu aprendizado: Nayá Corrêa e Cristina Balbão, n na UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e Bernardo Caro na PUC – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, no Estado de São Paulo.

Nayá Corrêa

Filha do fundador do Instituto de Artes, era professora de desenho. Eu desenhava academicamente, até que um dia ela se aproximou de mim junto ao cavalete e disse, delicadamente:

"Desenha agora com mais raiva".

Aí, comecei a riscar com o grafite, com força, deformando. "Mais forte ainda", incentivou!

Pronto! Nunca mais voltaria a desenhar como antes. Começara meu estilo!

De outra feita, sem mais nem menos comentei que iria casar. (Tinha só 22

anos e ganhava um salário mínimo, mais ou menos US\$ 100. Eu trocava com minhas colegas um desenho por um crayon, ou um grafite e um desenho por duas folhas de papel. Rodara em matérias por falta de dinheiro para comprar material. Pobres nas universidades públicas eram exceção.) Ela ouviu meu comentário e, pensativa, balançando negativamente a cabeça, disse: "Tens tudo para ser um grande artista. O casamento já atrapalhou muitos artistas!"

Cristina Balbão

Sua bondade me constrangia. Na sala de modelo vivo, ela montava fantasias de Bumba-meu-boi, bandeirinhas... Cenários fantásticos! Ela gostava da vida. Arrumava-nos modelos e dizia: "Isto, isto! Pois é, que lindo!", e pegava meus desenhos e os colocava, os melhores, num mural improvisado, um mural idealista!

"Agora tenta assim", dizia. E mais: "Tá bem assim!"

E lá ia, como um anjo ansioso a sussurrar: "Mas podias fazer assim!..." Muitas vezes, depois de formado, dava uma passadinha lá na sala dela!

"Apareça, traga material e aproveite para desenhar. Sempre é bom!"

Ouçõ sempre as palavras dela:

"Que bom, que bom!", mas deixava claro, emendando, que ainda não sabia tudo, que nunca saberia e que pararia no dia que achasse saber tudo.

Bernardo Caro

Na PUC/Campinas, Bernardo Caro era o professor de pintura, conceituado e premiado. O que mais lhe marcava eram os óculos e as costeletas, que iam até embaixo da ponta de suas orelhas. Na primeira aula, meus colegas lhe exibiram o desenho que eu fizera dele (a aula era de retratar deformando). Ele pegou, deu nota e dobrou. Para mim foi meu melhor retrato até hoje. Depois só me deu nota dez. "Artista ganha dez", dizia.

Convidou-me para fazer a exposição de inauguração do convívio de arte dele, com meus cartuns.

A direção da Faculdade de Artes na PUC suspendeu as aulas. Eu era forasteiro aceito e conhecido. Sugeriram-me que ficasse em São Paulo. Mas eu, não sei por quê, queria voltar para o Vale do Sinos.

A este professor devo a estruturação do meu trabalho. A ousadia. A liberdade de criar.

THREE PROFESSORS

During the time I went to the School of Fine Arts, three professors magically and definitely marked my learning: Nayá Corrêa and Cristina Balbão from the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS) and Bernardo Caro from the Pontifícia Universidade Católica (PUC), Campinas, São Paulo.

Nayá Corrêa

The daughter of the founder of the Art Institute, she taught drawing. I used to draw "academically", until one day she stood next to me and my easel, and gently suggested:

- Draw with more anger!

Then I started to strike the graffiti with strength, deforming.

- Stronger yet, she said motivating me.

There! Never again would I draw like before. My own style had begun. Another time, I casually commented that I would get married. She, thoughtful, shook her head unapprovingly. I was only 22 years old and used to make no more than minimum wage (US\$ 100) and had to exchange with my classmates a drawing for a crayon or a graffiti or

drawing for two sheets of paper. I had also flunked in two courses because I couldn't afford the material. Poor people in Public Universities were exceptional. In a subtle way she said: "You've got everything to be a great artist. Marriage messed up the life of many artists!"

Cristina Balbão

Generous. Her generosity used to embarrass me. In the classroom where we used to copy live models she used to set up costumes of Bumba-meu-boi and party banners! Fantastic stages. She loved life! She always found us models to paint and would say: "There you go! Right! How beautiful!" She used to take our drawings and put them up, only the best ones, on an improvised mural board, an "idealist" mural! "Now try this", she would say. And more: "This is fine!" And like an anxious and whispering angel she would say: "But you could do

it this way!" Many times, after I had already graduated, I would go by her studio. "Stop by again. Bring your material to draw while you are here. It can't do you no harm!" I can still hear her words: "Very good, very good!", but she would always emphasize that I would never know everything and that if one day I thought I knew it all, that would be the day I would stop painting.

Bernardo Caro

At PUC/Campinas Bernardo was our Painting professor. He was renewed and had won many prizes. What called him attention the most were his eyeglasses and his sideburns that came down to his earlobes. On the first day my classmates showed him a drawing I had made of him tin this class we were supposed to draw deforming). He took my drawing, graded it, and folded it. For me it was my best drawing till today. Only later he told me my grade: "Artists get an A", he would say. He invited me to participate at the opening of the "Convivio de Arte", with an exhibition of my cartoons. The classes at the Fine Arts School at PUC were suspended that day. I was an outsider who had been accepted and recognized. People suggested me that I should stay in São Paulo. But I, not knowing why, wanted to return to the Vale do Rio dos Sinos. I owe him the structuring of my work - the boldness and the freedom to create!

1976 - ASSUMINDO A IDENTIDADE

Aprendi português aos dez anos. Até então, só falava o dialeto usado na maior parte do Vale do Rio dos Sinos. Não sabíamos falar alemão e não sabíamos falar português. Éramos um grupo de pessoas isoladas no mundo! Além disso, o começo da industrialização do país e, principalmente, do Vale do Rio dos Sinos - mais o plantio com máquinas em grandes extensões de terras no Rio Grande do Sul, no norte do Paraná e, depois, no Mato Grosso - fez com que os minifúndios não se tornassem mais rentáveis. Iniciou-se o êxodo dos colonos para a cidade, onde não demorariam a sentir-se marginalizados. Os que ficavam sentiam vergonha de sua realidade, principalmente com os efeitos do pós-guerra. Começaram mesmo a negar suas realidades, seus costumes, suas casas, etc. Estavam perdendo totalmente sua identidade, que tinha características culturais bem marcantes, matéria-prima para se fazer arte.

Senti, então, que era hora de assumir minha realidade, minha identidade, para fazer um trabalho de salvar parte da cultura do país.

Percebi que ninguém, nenhum outro artista, faria arte sobre a nossa realidade se nós mesmos não o fizessemos. Comecei então, em fins de 1975, a série sobre a minha história, a história de minha família, que era, por extensão, a história da maioria dos habitantes da minha aldeia: o Vale do Rio dos Sinos.

Previra a globalização!

1976 - ASSUMING THE IDENTITY

I learned how to speak Portuguese at the age of 10. Until then I spoke only the dialect, spoken

throughout the Vale do Rio dos Sinos. We did not know how to speak German, neither how to speak Portuguese. Besides, with the beginning of industrialization in the country, mainly in the Vale do Rio dos Sinos, and with the use of machinery in the fields of Rio Grande do Sul, Paraná and Mato Grosso, the small land estates proved to be no longer profitable, and the small land owners were forced to exchange the land for the city in a massive rural exodus. In that marginalized position, especially with the postwar effects, those who remained in the countryside became ashamed of their reality, their customs, their houses and so forth. They were losing their identity, with strong cultural characteristics that could be considered raw material for the arts.

That is how I grew to accept my reality, my identity, and begin to do my job to save a part of this land's culture. I realized that no one, no other artist would make art using our reality as raw material if we did not start ourselves. At the end of 1975 I started with a series about my history, the history of my family, which was, by extension, the history of most of the inhabitants of my country: Vale do Rio dos Sinos. I had foreseen the Globalization!

1977 - CASA VELHA

Novo Hamburgo vivia a explosão da indústria do calçado. Era um paraíso! Sem a Reforma Agrária, a oferta de mão-de-obra trouxe milhares de pessoas, vindas principalmente do campo. Estas começaram a inchar as cidades, criando os cinturões de suas periferias. O vale, culturalmente, vivia o romantismo trazido em 1824, quando era vanguarda na Europa. Se ativeram a preservá-lo por 150 anos, até o surgimento da Casa Velha - Convívio de Arte!

O movimento Casa Velha pregava a radicação do artista no lugar de origem, para que fizesse uma arte mais identificada com sua região, evitando ir para os grandes centros.

Era preciso muita coragem, mas a região estava madura e ansiosa por espaços de arte - uma vez que não havia Centro de Cultura e galerias de arte - e apoiou a iniciativa.

Depois veio a Época dos monumentos, na tentativa de tornar a arte acessível ao povo e, com ela, a polêmica, essencialmente política, envolvendo o monumento ao Sapateiro e o do Sapato Como Alimento.

Foram feitas exposições de cartuns, fotografias, vitraux, batik, etc.

Levamos as exposições às cidades e vilas mais distantes e distintas da região. E também foram realizadas entrevistas, palestras, recitais, apresentações de jograis e de grupos nativistas, sempre tendo a cobertura da imprensa local, principalmente do Jornal NH, com Evania Reichert.

Os grupos de teatro floresceram e a movimentação em torno das artes foi tanta que mexemos demais e muito rapidamente com a mentalidade da região. A Casa Velha, como movimento de arte, acabou, tendo durado como tal, até o início de 1979. Dois anos, no total.

1977 - CASA VELHA

Novo Hamburgo was experiencing the outburst of the shoe industry. It was a paradise! Without the land reform, the demand for manual work brought thousands of people from the countryside, thus swelling the cities and creating poverty-belts around them. The Valley, inasmuch as culture is concerned, was still living within the artistic phase of Romanticism as it was brought in 1824 when it was still a vanguard movement in Europe. Preserved for about 150 years. Romanticism was only challenged in the Vale dos Sinos with the appearance of the Casa Velha - Convivio de Arte (Old House - Art Center).

The Movement Casa Velha defended the settlement of the artist in his place of origin, in order to make an art that would better identify with the region and thus avoid the artist from moving to large centers. That demanded a lot of courage, but the region seemed mature and anxious for cultural spaces, since there were no cultural centers or

art galleries around. The region gave this initiative full support. Afterwards, came the time of the monuments, in an attempt to make art accessible to the people.

With it came the polemic, essentially political, of the "Monument to the shoemaker", and the "Monument shoe as food". Cartoon, photography, stain glass and batik exhibitions were promoted. We took the exhibitions to the farther away towns and villages of the valley. Interviews, lectures, recitals, as well as presentations of gaucho music were all given coverage by the local press, mainly the newspaper NH, through Evania Reichert.

Theater groups popped up and the effervescence around the arts was such - since we had really stirred the mentality of the people - that the Movement Casa Velha ended as fast as it had started, at the beginning of 1979, after a total of 2 years.

O TRAVESSÃO

Desde o início, a Casa Velha - Convívio de Arte, de Novo Hamburgo, teve etapas chamadas passos. Assim, no primeiro, objetivou atingir a região do Vale do Rio dos Sinos. O passo seguinte foi o dos monumentos: o da "Bíblia" e os painéis de São Crispim e São Crispiniano, de Marciano Schmitz; os painéis sobre Futebol, Quermesse e Carnaval, de Carlos Alberto Oliveira, e os monumentos ao Sapateiro, à Fila e ao Sapato Como Alimento, de minha autoria.

No passo três queríamos atingir o Estado e, para isto, abrimos uma "filial" no Travessão, território neutro do Vale do Rio dos Sinos, divisa de quatro municípios. Terminada a Casa Velha, me retirei para o Travessão, para me dedicar mais à temática do habitante do Vale do Rio dos Sinos e, após muito trabalho, dava para identificar meu traço: a ida para o Travessão firmara meu estilo. Passei então a conceituar meu trabalho em três situações: colônia, êxodo e cidade. Agora, passados vários anos e tendo adquirido contato com a Europa, acrescentei mais uma: as origens.

O TRAVESSÃO

Since its foundation the Casa Velha Movement went through three stages. The first one, to

simply start reaching the people through art. The second, with the monuments: monument to the Bible and the murals of San Crispin and Saint Crispiniano by Marciano Schmitz; the murals about soccer and carnival by Carlos Alberto Oliveira; and the monuments to the Shoemaker, to the File and to the Shoe as Food by my own authority. During the third stage, we wanted to reach the remaining part of the State and in order to do that we opened a branch of the Casa Velha at the Travessão (Crossroads), a neutral territory in the Vale dos Sinos, which divided the limits of 4 counties. After the Casa Velha Movement was over, I moved altogether to the Travessão, and there I dedicated my time entirely to the theme of the Vale dos Sinos inhabitant. After a lot of work it was possible to identify the certain features peculiar to my art: my going to the Travessão had led me to my own style. From then onwards I started to conceptualize my work in three themes - Colony, Rural Exodus and City. Now, many years having gone by, and having made contact with Europe, I added a forth one: Roots/Origin.

O ATELIER DE MORRO REUTER

Nasci em São José do Herval, de onde se via Porto Alegre ou Caxias do Sul em todos os lugares. Mas meu sonho de guri era morar em um lugar onde se visse Porto Alegre e Caxias do Sul, região sobre a qual faço meu trabalho, ao mesmo tempo.

E chegou um momento na minha vida em que achei ser hora de procurar este lugar. Depois de inúmeras tentativas, desisti de procurar. Catorze dias depois, magicamente, estava em minhas mãos o lugar onde se encontra meu atelier: mais bonito do que sempre imaginava, encostado na Vila onde eu nascera, com vista para Porto Alegre e Caxias do Sul, com uma energia inigualável e já aterrado para construir.

THE WORKSHOP MORRO REUTER

I was born in São José do Herval, Morro Reuter, where you could see Porto Alegre or Caxias do Sul everywhere. But as a kid, my dream was to live in a place where I could see Porto Alegre and Caxias do Sul, the region on which I my work, at the same time. And there came a moment in my life when I thought it was time to look for this place. After numerous attempts, I gave up looking. Fourteen days later, magically, I had, in my hands, the place where my workshop is located: more beautiful than I had ever imagined, leaning against the village where I was born, overlooking Porto Alegre and Caxias do Sul, with an unmatched energy and already grounded to build.